

OS ANJOS, UMA VERDADE DA NOSSA FÉ

Hoje, como nos tempos passados, discute-se com mais ou menos sabedoria sobre estes seres espirituais. É preciso reconhecer que existe uma grande confusão sobre este assunto, com conseqüente risco de fazer passar como fé da Igreja aquilo que não pertence à fé, ou, vice-versa, de omitir algum aspecto importante da verdade revelada.

Quanto a existência dos anjos, a Sagrada Escritura fala da criação dos seres puramente espirituais, chamados «anjos». A Igreja professa a fé afirmando «*Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra, de todas as coisas (seres) visíveis e invisíveis*». Aos anjos pertencem às criaturas invisíveis.

O ser humano ocupa um lugar singular: pelo seu corpo, pertence ao mundo visível; pela sua alma espiritual está no limite entre o mundo visível e o invisível. Os anjos, portanto, segundo a fé que a Igreja, são espíritos puros, pertencem ao mundo invisível, embora estão ativamente presentes no mundo visível. Como seres espirituais, estão mais perto de Deus do que ao mundo material.

A Tradição da Igreja é unânime em afirmar, tal como diz São Paulo: «*N'Ele (em Cristo) foram criadas todas as coisas nos Céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, os Tronos e as Dominações, os Principados e as Potestades: tudo foi criado por Ele e para Ele*» (Cl 1,16). Ou seja, Cristo, Filho de Deus, «Verbo eterno e consubstancial ao Pai é o

primogênito de toda a criatura» (Cl 1,15). Ele está no centro do universo, como razão e fundamento de toda a criação.

A Sagrada Escritura, tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento encontramos a presença e a atuação das criaturas angélicas, embora, só em Jesus Cristo encontramos a plena certeza da sua existência. Podemos dizer que Deus, na Sua Providência e Sabedoria criou os anjos, seres puramente espirituais, para que neles se exprimissem melhor a Sua própria natureza espiritual. De facto, a natureza dos anjos supera de muito as criaturas visíveis, inclusive o homem, criado a imagem e semelhança de Deus. Deus, que é Espírito absolutamente perfeito, reflete a Sua própria natureza espiritual nas criaturas angélicas, seres de natureza espiritual. Portanto, pela sua natureza espiritual, os anjos são mais próximos de Deus dos que os homens e as outras criaturas materiais.

Diante do trono estavam quatro seres viventes ... e não cessavam de cantar, de dia e de noite:«Santo, santo, santo é o Senhor Todo-Poderoso, o que era, o que é e que há-de vir.» (Ap 4,8)

Todos os prefácios da liturgia eucarística mencionam «*os santos e os anjos que proclamam eternamente a Vossa Glória: santo, santo, santo é o Senhor Deus do Universo, o Céu e a Terra proclamam a Vossa Glória*».

Como diz a Sagrada Escritura, os anjos estão no "trono" de Deus, formam as suas "legiões" do seu "céu". Ela inspirou a poesia e a arte dos séculos cristãos que nos apresentam os anjos, com a "corte de Deus".

Perfeição da natureza angélica.

Os anjos, pela sua natureza espiritual possuem uma inteligência muito superior do que os seres humanos. Conhecem a verdade de modo muito mais perfeito. São seres livres, por isso, escolhem o Bem que eles conhecem, isto é, Deus mesmo, mas também podem escolher contra Deus. Deus quer ser amado com um amor verdadeiro, o qual só é possível em seres dotados de liberdade. Assim, quis que a criatura humana, formada à imagem e semelhança do seu Criador, pudesse de modo mais pleno possível tornar-se semelhante a Ele, Deus, que "é amor" (Jo 4,16). Quando Deus criou os anjos, espíritos puros e seres livres previu também a possibilidade do pecado dos anjos.

Anjos e demónios

2. Com efeito, como diz de modo claro a Revelação, o mundo dos espíritos puros apresenta-se dividido em bons e maus. Pois bem, esta divisão não se realizou por obra de Deus, mas em consequência da liberdade própria da natureza espiritual de cada um deles. Realizou-se mediante a escolha que para os seres puramente espirituais possui um carácter incomparavelmente mais radical do que a do homem, e é irreversível dado o grau do carácter intuitivo e de penetração do bem de que é dotada a sua inteligência.

A este propósito deve dizer-se também que os espíritos puros foram submetidos a uma prova de carácter moral. Foi uma escolha decisiva a respeito, antes de tudo, de Deus mesmo, um Deus conhecido de modo mais essencial e direto

do que é possível ao homem, um Deus que a estes seres espirituais tinha feito o dom, primeiro que ao homem, de participar da sua natureza divina.

3. No caso dos puros espíritos a escolha decisiva dizia respeito antes de tudo a Deus mesmo, primeiro e supremo bem, aceito ou rejeitado de modo mais essencial e direto do que pode acontecer no raio de ação da vontade livre do homem. Os espíritos puros têm um conhecimento de Deus incomparavelmente mais perfeito do que o do homem, porque com o poder do seu intelecto, nem condicionado nem limitado pela mediação do conhecimento sensível, vêm inteiramente a grandeza do Ser infinito, da primeira Verdade, do sumo bem.

A esta sublime capacidade de conhecimento dos espíritos puros Deus ofereceu mistério da sua divindade, tornando-os assim partícipes, mediante a graça, da sua infinita glória. Precisamente porque são seres de natureza espiritual, havia no seu intelecto a capacidade, o desejo desta elevação sobrenatural a que Deus os tinha chamado, para fazer deles, muito antes do homem, "participantes da natureza divina" (cf. 2Pd. 1,4), partícipes da vida íntima d'Aquele que é Pai, Filho e Espírito Santo, d'Aquele que na comunhão das três Pessoas Divinas "é Amor" (1Jo. 4,16). Deus tinha admitido todos os espíritos puros, primeiro e mais do que o homem, na eterna comunhão do amor.

4. A escolha feita com base na verdade acerca de Deus, conhecida de forma superior devido à lucidez da inteligência deles, dividiu também o mundo dos puros espíritos em bons e maus. Os bons escolheram Deus como bem supremo e definitivo, conhecido à luz do intelecto iluminado pela Revelação. Ter escolhido Deus significa que se dirigiram a Ele com toda a força interior da sua liberdade, força que é amor. Deus tornou-se a total e definitiva finalidade da sua existência espiritual. Os outros, pelo contrário, voltaram as costas a Deus em oposição à verdade do conhecimento que indicava n'Ele o bem total e definitivo. Escolheram em oposição à revelação do mistério de Deus, em oposição à sua graça que os tornava participantes da Trindade e da eterna amizade com Deus na comunhão com Ele mediante o amor. Tendo como base a sua liberdade criada, fizeram uma escolha radical e irreversível, tal como os anjos bons, mas diametralmente oposta: em vez de uma aceitação de Deus cheia de amor, opuseram-Lhe uma rejeição inspirada por um falso sentido de autossuficiência, de aversão e até de ódio que se transformou em rebelião.

5. Como se hão-de compreender esta oposição e esta rebelião a Deus em seres dotados de tão viva inteligência e enriquecidos com tanta luz? Qual pode ser o motivo desta radical e irreversível escolha contra Deus? De um ódio tão profundo que pode parecer unicamente fruto de loucura?

Os padres da Igreja e os teólogos não hesitam em falar de "cegueira" produzida pela supervalorização da perfeição do

próprio ser, levada até o ponto de velar a supremacia de Deus, que, pelo contrário, exigia um ato dócil e obediente submissão. Tudo isto parece estar expresso de modo conciso nas palavras: "Não Vos servirei" (Jr. 2,20), que manifestam a radical e irreversível recusa a tomar parte na edificação do reino de Deus no mundo criado. "satanás", o espírito rebelde, quer o próprio reino, não o de Deus, e se erige em "primeiro" adversário do Criador, em opositor da providência, em antagonista da sabedoria amorosa de Deus. Da rebelião e do pecado do homem, devemos concluir acolhendo a sábia experiência da Escritura que afirma: "Na soberba está contida muita corrupção" (Tb. 4,13).